

Ativistas, Artistas e Queers no Sul Global: ainda nas margens do *Mujeres Al Borde*

Activistas, Artistas y Queers en el Sur Global: todavía en los márgenes de Mujeres Al Borde

Activists, Artists and Queers of the Global South: still at the borders of Mujeres Al Borde

Glauco B. Ferreira

Resumo: o presente artigo analisa e discute as interações entre dois coletivos de artistas ativistas, *Queer Women of Color Media Arts Project* (QWOCMAP), situado nos Estados Unidos, e o *Mujeres Al Borde*, situado na Colômbia. Centrando-se nas atividades e produções audiovisuais deste último grupo, discute-se como criam relações entre arte, ativismo e produção audiovisual. Além disso, refletindo-se sobre o tipo de atividades realizadas por esses coletivos, pontua-se como materializam políticas e práticas feministas transnacionais ao construírem coalizões ‘contrassexuais’, inter-relacionadas às demandas das comunidades que organizam.

Palavras-chave: ativistas, artistas, *queers*, coalizões.

Resumen: este artículo analiza y discute las interacciones entre dos colectivos de artistas activistas, *Queer Mujeres de Color Media Arts Project* (QWOCMAP), procedente de los Estados Unidos, y las *Mujeres Al Borde*, de Colombia. Se centra en las actividades y producciones audiovisuales de este último grupo. El artículo describe cómo crear relaciones entre arte, activismo y producción audiovisual. Además, reflexiona sobre el tipo de actividades llevadas a cabo por estos colectivos, puntúa cómo se materializan las políticas y las prácticas feministas transnacionales al construir interacciones ‘contrassexuales’, establecidas por las demandas de las comunidades que las organizan.

Palabras clave: activistas, artistas, *queers*, coaliciones.

Abstract: the paper analyzes and discusses the interactions between two collectives of activist artists – the Queer Women of Color Media Arts Project (QWOCMAP), located in the United States, and the *Mujeres Al Borde*, located in Colombia. The analysis focuses on the activities and audiovisual productions of *Mujeres Al Borde* in order to discuss how art, activism and audiovisual productions relate. In addition, by reflecting on the type of activities carried out by these two collectives, the paper highlights how transnational feminist policies and practices materialize themselves in ‘counter-sexual’ coalitions that are related to the demands of the communities they organize.

Keywords: activists, artists, *queers*, coalitions.

Glauco B. Ferreira é antropólogo, artista visual e arte-educador. Graduado pela Universidade do Estado de Santa Catarina; Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é Doutorando em Antropologia Social na UFSC e Visiting Scholar na *University of California at Berkeley* (EUA). Vem pesquisando questões relacionadas à antropologia urbana e do contemporâneo aos movimentos e micropolíticas LGBTQ, às relações de gênero em sua articulação com questões étnico-raciais, sexualidades, políticas públicas, cinema, mídia e produções artísticas audiovisuais *queer*. Integra o Núcleo de Antropologia do Contemporâneo (TRANSES/UFSC). Currículo Lattes: <http://bit.ly/1kX2zNa>. Contato: glaucoart@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em outra ocasião¹ busquei analisar as relações de cooperação transnacional globalizada entre dois coletivos de artistas ativistas, o grupo colombiano *Mujeres Al Borde* e o coletivo estadunidense *QWOCMAP*². Naquele intento busquei ressaltar as formas através das quais estes grupos guardam similaridades, especialmente nas maneiras como cruzam e materializam práticas políticas, ativismo, arte e produção videográfica.

Ao longo destas interações e parcerias estes grupos nutrem relações³ *queer* feministas globalizadas e dissidentes ao mesmo tempo em que, em cada um dos contextos nacionais em que desenvolvem suas iniciativas de treinamento fílmico e artístico, constituem modos de subjetivação e artivismo⁴, incentivando processos oposicionais de transformação social voltadas especialmente para as pessoas trans, *queers*, lésbicas e não-binárias

¹ Refiro-me aqui ao artigo de minha autoria intitulado “Margeando Artivismos Globalizados: Nas Bordas do *Mujeres Al Borde*” (no prelo). As reflexões desenvolvidas no presente artigo partem das questões exploradas naquele artigo (bastante focado na descrição etnográfica das interações entre estes dois coletivos e nas discussões sobre artivismo), dando continuidade a algumas das análises lá apresentadas. O presente texto é proposto como uma forma de explorar outras questões teóricas lá não abordadas em profundidade, quando busco discutir os trabalhos visuais e o ativismo destes coletivos. Embora complementares estes artigos constituem-se em relativa autonomia, ao abordarem diferentes aspectos da interação dos coletivos, aqui tomados como centro da análise e explorando também diferentes discussões teóricas.

² A sigla corresponde à *Queer Women of Color Media Arts Project*. Venho desenvolvendo trabalho de campo junto à este coletivo ao longo dos anos de 2013 e 2014 e foi através desta aproximação que tive acesso ao modos de interação entre os dois coletivos e conheci com maiores detalhes as iniciativas do *Mujeres Al Borde*.

³ Para uma descrição etnográfica mais detalhada das relações entre estes dois coletivos ao longo dos anos consulte meu artigo, citado aqui na nota 1, onde busco dar conta das interações entre os dois coletivos em fóruns feministas transnacionais, festivais de cinema e na criação em parceria de programas de treinamento fílmico.

⁴ Artivismo se trata de um neologismo, que busca nomear e definir a atividade realizada por pessoas que enxergam uma relação orgânica entre arte e ativismo, explorando criação poética e trabalho político como atividades inter-relacionadas. Conferir SANDOVAL & LATORRE, 2008, p. 82.

em termos de gênero e sexualidade⁵, populações às quais se voltam como foco de seu trabalho político.

Neste artigo busco ampliar e desenvolver algumas daquelas questões desenvolvidas anteriormente, enfocando e analisando aqui as possibilidades de pensarmos sobre manifestações artísticas e ativistas que exploram o *queer* como parte de suas narrativas e iniciativas em contextos sul-americanos. Parece-me interessante, no entanto, abordar também as implicações e debates a respeito dos estudos *queer* na sua relação com as ciências sociais e, especialmente, com a antropologia, quando consideramos os diferentes diálogos e aportes possíveis entre estas áreas de estudo. Busco notar como estas interações e as possíveis contribuições reflexivas decorrentes destas fricções teóricas e analíticas produzem novas possibilidades imaginativas para pensarmos sobre gênero e sexualidade, ressaltando que seus significados dependem do contexto social e das localizações geopolíticas em que se encontram sujeitos de pesquisa e também os próprios pesquisadores.

⁵ *Queer*, questionadores do binarismo de gênero, pessoas trans e mulheres lésbicas são as populações preferencialmente tomadas como público alvo destes coletivos, como parte de suas preocupações em agrupar e organizar segmentos da sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros), que nem sempre são privilegiados pelos coletivos gays e lésbicos, muitas vezes focados no público homossexual cisgênero masculino ou feminino exclusivamente para realização de seu trabalho político.

1. Fronteiras, Margens, Periferias e *Borderlands*

Nos últimos quatro anos os dois grupos aqui citados construíram uma intensa interação que frutificou em parcerias e em encontros em diversas ocasiões e fóruns feministas. Com contato iniciado em 2010, no VII Encontro Lésbico Caribenho e Latino Americano ocorrido na Guatemala, foi possível que o QWOCMAP auxiliasse o *Mujeres Al Borde* na criação de seu programa de treinamento fílmico, chamado *Escuela Audiovisual Al Borde*. Ao longo das diversas edições da *Escuela*, muitos filmes foram produzidos explorando as maneiras pelas quais gênero e

sexualidade, entrecruzados com marcadores étnicos e raciais, trabalham para criar processos únicos de subjetivação, fomentando a criação artística, práticas e teorias feministas/*queer* ativistas.

No contexto de produções realizadas na sua *Escuela Queer Teatro de las Aficionadas*, o *Mujeres Al Borde* já partia de um histórico de concepções cênicas que enfocavam questões relativas às vivências *queer*, trans e lésbicas dxs participantes, antecedente que se potencializou no último período através das peças audiovisuais que tomam como centro comunidades “marginalizadas” (em termos raciais, de classe, gênero e sexualidade) em

⁶ FERREIRA, S/d (No prelo).

⁷ Utilizo recurso gráfico a inserção do “x” em algumas palavras, nos casos nos quais não se deseja claramente determinar o gênero dos sujeitos aos quais estou me referindo. No caso do *Mujeres Al Borde* parece se tratar de uma maneira de minimizar constrangimentos às identidades de gênero não binárias ou até mesmo para não tomar como pressupostas as identidades de gênero e sexualidades somente em termos ‘masculinos’ ou ‘femininos’.

⁸ As fotografias foram realizadas pelo fotógrafo transsexual Mario Casado, com exposição produzida pela Organização de Transsexuais pela Dignidade da Diversidade (OTD), sediada no Chile.

⁹ Acesse o vídeo, disponível online em: <http://vimeo.com/59845288>, acessado em julho de 2014.

Bogotá e em outros países da América Latina, tais como Paraguai e Chile. Tal como ressaltai em detalhe em outra ocasião,

muitos de seus filmes trabalham com dinâmicas coletivas e individuais que partem das ideias relacionadas aos limites e às margens, ‘locais’ simbólicos e materiais nos quais estas sexualidades e suas expressões de gênero se configuram, numa abordagem aberta que busca trabalhar com o que surge a partir das experiências individuais dxs participantes, criando novas palavras e imagens como meios de nomear e materializar experiências, processos identitários e de desidentificação⁶.

Um destes filmes trata justamente de ambiguidades no que diz respeito aos processos identitários trans e *queer*, explorando narrativas de desidentificação sexual e de gênero. Umx dxs participantes chilensex retratadx⁷ na exposição fotográfica *Transitando: Des/construcción de historias de cuerpos transexuales*⁸, ocorrida em Santiago do Chile em 2011, e sobre o qual se centra o documentário *Artivismos 2: transitando - historias de cuerpos transexuales*⁹, dialoga de forma esclarecedora com uma das espectadoras da mostra a respeito de sua própria ‘indefinição’,

ao não se considerar nem ‘homem’ e nem ‘mulher’, e reafirmar o amor que sente por todas as partes de seu corpo, naquelas que são compreendidas por alguns como ‘femininas’ (tal como sua vulva) ou ‘masculinas’ (tal como sua barba), e buscando assim lugares de legibilidade que escapam das lógicas normalizadoras e também, diversas vezes, das definições expressas nas siglas ‘LGBT’.

A produção destes filmes pelo grupo colombiano é resultado de uma iniciativa consciente na busca por realizar parcerias com artistas e criadores na América do Norte e também em outras partes da América Latina, com intercâmbios entre coletivos ativistas do Paraguai e do Chile entre 2011 e 2012, para o treinamento de cineastas artistas naqueles países. Na perspectiva de criação de uma produção artista dissidente e globalizada, a iniciativas do *Mujeres Al Borde* possibilitam que se reflita sobre as possibilidades de produção de conhecimento, solidariedade e políticas feministas em termos globais, isto é, ações e reflexões que possibilitem pensar sobre estes intercâmbios no interior de relações de poder desiguais em nível mundial, ao buscarem não reproduzir divisões tão nítidas no interior do trabalho intelectual e artístico que desenvolvem. Suas produções buscam desafiar a ideia que o sul global (ou/e seus países ‘periféricos’) só poderiam oferecer boas experiências e situar particularidades e diferenças regionais, enquanto as boas e mais potentes iniciativas artísticas e teorias feministas sejam aquelas produzidas no norte global (isto é, Europa e Estados Unidos)¹⁰.

¹⁰ MALUF, 2011, p. 49.

Estas iniciativas de intercâmbio transnacionais entre grupos artistas possibilitam reflexões sobre as possibilidades de iniciativas e de conhecimentos *queers* e feministas que consideram a originalidade de produções locais, reconhecendo, na conjuntura dos modos de globalização dissidentes, as produções realizadas fora dos ‘centros’ imperialistas em sua própria originalidade, tão potentes como qualquer outra iniciativa visual ou teórica proposta nos ‘países centrais’. Ao mesmo tempo, neste movimento,

reconhece-se que aquilo que se produz no ‘centro’, como teorias e práticas artísticas e ativistas, “também [estão] marcado por historicidades políticas e culturais que [são] igualmente definidos em termos locais” (configurados assim, de modo semelhante, a partir de particularidades culturais, tal como o que é produzido nas ‘periferias’), “numa perspectiva crítica que enxerga o global e o local como zonas geopolíticas relativas”¹¹, fomentando redes transnacionais que potencializem teorizações e ações feministas que vão além de narrativas hegemônicas sobre o que seja produção de conhecimento e prática política legitimadas no interior destes movimentos em nível mundial. Assim estas iniciativas

são parte da construção de feminismos latino-americanos, que consideram suas próprias especificidades, reconstruindo e re-narrando suas próprias histórias (que obviamente inclui interações, circulação, troca e re-apropriações de outras histórias feministas) e que repensa o feminismo não somente a partir de sua história intrínseca, mas também a partir das dinâmicas de sua própria emergência – na inteireza de movimentos sociais e de iniciativas políticas que combatem injustiças sociais e desigualdades em todas as suas versões.¹²

¹¹ Id. *Ibidem* p. 49-50.

¹² Id. *Ibidem* p. 49.

¹³ Esta elaboração em torno da consciência *mestiça* nasce nos debates dos feminismos não-brancos nos Estados Unidos, nas tradições de alianças e luta das *queer e lesbians of color*, e tem como uma de suas principais elaboradoras Gloria Anzaldúa.

Esta circulação de ideias também pode ser entendida como parte de uma consciência *mestiça*¹³, na qual a produção de conhecimentos se dá num processo de hibridização, de infusão de diferentes processos lingüísticos e identitários, configurados entre fronteiras (*borderlands*) geográficas e simbólicas. Nesta perspectiva, a teórica feminista *of color* Gloria Anzaldúa nota como seria possível criar novas formas de consciência engajada através do trânsito entre limites, no deslocamento entre as ‘bordas’ e fronteiras, exatamente por que

sendo os supremos cruzadores de culturas, homossexuais têm fortes laços com o *queer* branco, Negro, asiático, Nativo Americano, Latino e com o *queer* na Itália, Austrália e com o resto do planeta. Nós aparecemos

em todas as cores, em todas as classes, em todas as raças, em todos os períodos. Nosso papel é criar relações uns com os outros... é transferir ideias de uma cultura para a outra¹⁴.

Consideradas as evidentes diferenças e ainda o contexto histórico no qual Gloria Anzaldúa elaborou esta passagem, não se pode deixar enxergar sua potência enquanto proposta, ao inspirar outras leituras contemporâneas para a criação de um ativismo LGBT globalizado. Infundida por Anzaldúa e por diversas outras ativistas e teóricas dos feminismos *of color*, Chela Sandoval chama a atenção para as possibilidades de construção de processos pedagógicos e metodológicos nas trocas realizadas em modos dissidentes de globalização, “que dependem do ativismo de *guerreiros-cidadãos internacionalistas*, que tomem para si a necessidade de potencializar as capacidades transformativas das consciências e do corpo coletivo”¹⁵, apontando para os fluxos de informações e ativismo que circulam entre coletivos e entre fronteiras transnacionalmente, “mobilizando experiências *queer* a outras modalidades oposicionais em coalizão, através de práticas dissidentes globalizadas”¹⁶.

Em conformidade com uma prática construída nas margens e através de fronteiras nacionais, o *Mujeres Al Borde* busca materializar um “novo espaço, um *ciberespaço*, onde o transcultural, o transgênero e o transnacional se tornam saltos necessários para que um efetivo jogo de estratégias e práxis oposicionais possam se desenvolver”¹⁷. Numa consciência que se forma através da figura dx *outsiders*¹⁸, nas margens e bordas, entre sexualidades, gênero, raça, linguagem, cultura, classe e localizações sociais, é possível construir o que bell hooks¹⁹ e Audre Lorde chamam de narrativas/imagens contra-hegemônicas e oposicionais.

¹⁴ ANZALDÚA, 1987.

¹⁵ SANDOVAL, 2002, p.21. Itálico da autora.

¹⁶ Id. Ibidem, p.25.

¹⁷ Id. Ibidem, p.25-26.

¹⁸ LORDE, 1984, p.114.

¹⁹ HOOKS, 1996, p.09. Conferir também hooks, 1992.

2. *Queers* no Sul Global

Estas práticas de troca entre coletivos através de fronteiras, sejam estas trocas de categorias ou de processos de aprendizagem e criação artísticas, tornam-se também um poderoso paradigma político, gerador de coalizões entre grupos de matriz política oposicional, tais como o QWOCMAP e o *Mujeres Al Borde*. Na criação de parcerias e de camaradagem horizontal, em processos de aprendizagem compartilhados e interdisciplinares, criam-se também “alianças que cruzam geografias raciais, além de tornar possível que se visualize

²⁰ Id. *Ibidem*, p.27.

²¹ Estas indagações começam a ser tomadas seriamente por alguns pesquisadores no Brasil e em outros contextos acadêmicos no sul global. Estes pesquisadores apontam para importância de localizarem-se as investigações realizadas em contexto latino-americano, que tomam como inspiração alguns dos enfoques analíticos dos estudos *queer*, ao mesmo tempo em que se levam em conta as diferentes histórias e contextos de produção intelectual sobre gênero e sexualidade em suas especificidades locais. Conferir PELÚCIO, 2014; MISKOLCI, 2014; OCHOA, 2011; PEREIRA, 2012; RÍOS, 2011; VITERI, SERRANO & VIDAL-ORTIZ, 2011.

coligações que se estendem além das políticas de identidades nacionais e das diferenças culturais evidentes, na busca por coligações transnacionais”²⁰, que possam produzir mais diferenças e transformações sociais em cada um destes locais.

Na articulação entre arte, gênero, ativismo e o *queer*, algumas perguntas surgem quando tentamos analisar a produção artística e ativista do *Mujeres Al Borde*, ao colocarmos em perspectiva e comparação, debates sobre sistemas de classificação e sobre significados distintos que determinadas categorias tomam em contextos específicos. Remete-se aqui às discussões teóricas atuais sobre pertinência de utilizarmos os estudos *queer* em contexto sul-americano²¹ ou mesmo de utilizarmos um enquadre teórico e analítico inspirado em teorias e debates *queer* em qualquer outro contexto no qual o *queer* não se trate, digamos assim, de uma categoria ‘nativa’, provinda e elaborada a partir de debates e acúmulos políticos e identitários que partem de movimentos sociais, tais como os movimentos

feministas, LGBTQ e pelos direitos civis das comunidades negras nos Estados Unidos.

Os usos da categoria *queer* pelo coletivo colombiano levam-nos a refletir sobre as maneiras como conceitos, e não somente experiências e alianças ativistas, viajam através de margens e fronteiras nacionais. Apropriando o termo estrangeiro *queer*, o coletivo colombiano parece reinventar os significados e usos da categoria em suas produções artísticas videográficas, produzindo materialidade e sentidos locais para um termo nascido e elaborado como conceito pós-identitário em discussões originalmente realizadas por movimentos sociais e por intercâmbios disciplinares acadêmicos situados no norte global.

²² Miskolci & Simões, 2007; Viteri, Serrano & Vidal-Ortiz, 2011.

Muitos autores na América Latina buscam analisar as situações locais nas quais, através de disciplinas academicamente consolidadas e de outras iniciativas interdisciplinares, foram possíveis reflexões sobre gênero e sexualidades, apontando como e por quem estes estudos poderiam ser relacionados aos estudos *queer* realizados no norte global. Muitos destes autores²² chegam à conclusão de que desde longa data, ao menos desde os anos setenta, pesquisas realizadas na América Latina já objetivavam um tipo de desconstrução e desnaturalização (em certo sentido evocando e em paralelo aos movimentos de desconstrução *queer* contemporâneos) de certas categorias sexuais e de gênero, buscando desestabilizar dicotomias e normatividades, e ainda relacionando-as aos marcadores locais de ‘raça’, etnicidade e de classe, como maneiras pelas quais se produzem variadas diferenças e desigualdades sociais. São investigações que também buscam realizar um tipo de aproximação que não naturalize categorias analíticas provindas de outras paragens disciplinares (tais como os estudos *queer*), que atentam para os significados e riquezas particulares de categorias locais, ao mesmo tempo em que buscam desnaturalizar certas definições normativas no que diz respeito aos arranjos de gênero e sexualidade.

Sérgio Carrara e Julio Simões²³ observam que no caso dos debates brasileiros certos enfoques buscam dialogar com os estudos *queer* de modo a se referir às antigas limitações presentes nas políticas de identidade, preferindo assim dar prioridade para o caráter fluido e contingente dos processos de identidade/identificação de gênero e sexualidade. Este autores assinalam que estas iniciativas parecem ser somente um novo modo de dar respostas aos paradoxos e à fluidez inerentes aos processos identitários, buscando assim manter uma posarndgtura de (des)construcionismo social radical, expressa em análises que buscam a desestabilização das molduras

²³ Simões & Carrara, 2014, p.89-90.

²⁴ Viteri, Serrano & Vidal-Ortiz, 2011, p. 53-54.

²⁵ Ochoa, 2011, p. 253.

socioculturais que enquadram categorias e identidades, desafiando heteronormatividades e heterossexismos. Não se trataria então de reverenciar um paradigma teórico ‘estrangeiro’ ou mesmo rechaçar o *queer* como algo importado e, por tanto, não compatível com possíveis debates que possam ser realizados em contexto local, mas sim de considerar o dinamismo na produção de conhecimentos sobre gênero e sexualidade desde perspectivas desestabilizantes, ressaltando a riqueza das investigações acadêmicas ‘regionais’ e das categorias sexuais e de gênero ali articuladas, situações nas quais diálogos *queer* podem frutificar²⁴.

Ao mesmo tempo, alguns debates apontam os ganhos, as perdas e a potencialidades no que diz respeito ao *queer* como termo guarda-chuva, como termo englobante de uma variedade de práticas e categorias sexuais, sem atentar para as especificidades e localizações socioculturais, privilegiando certa localização e um termo, em si, ‘gringo’. Ao mesmo tempo, em outras perspectivas, se considera também a multi-dimensionalidade potencial que o *queer* proporciona enquanto conceito, dando conta das diferentes genealogias possíveis para sua conformação em contextos locais e pondo em cheque a ideia de que seja essencialmente categoria/teoria ‘colonizadora’ e estrangeira²⁵. Certas abordagens feministas e *queer of color* nos Estados Unidos (e poderíamos também pensar nos lugares nos quais o *queer* transita para além dos países do norte global...) insistem na

relevância do *queer* para além das compreensões que o identificam com um ideário relacionado a certo tipo de branquitude anglo-americana (diversas vezes excessivamente alistada somente a noções hegemônicas de homossexualidades masculinas e femininas), tratando de reivindicar os sentidos outros que o termo pode adquirir. É o que parece ressaltar a teórica e pesquisadora Juana María Rodríguez:

Queer não é simplesmente um termo guarda-chuva que engloba lésbicas, bissexuais, homens gays, pessoas *two-spireted* e transexuais; é [sim] um desafio às construções da heteronormatividade. [O *queer*] não precisa subsumir as particularidades destas outras definições de identidade; ao invés disso, [o *queer*] cria uma oportunidade para questionar os sistemas de categorização que serviram para definir a sexualidade. (...) Para muitos dos latinos vivendo nos Estados Unidos, a apropriação da linguagem para nossos próprios usos faz e forma parte de rituais de sobrevivência. [O *queer*, tal como outros termos de identificação sexual, racial e étnica,] (...) são então apropriados e transformados no interior destas comunidades. *Queer* se torna um, numa série de termos, que nós podemos empregar para definir a nós mesmos.²⁶

²⁶ Rodríguez, 2003, p. 24 e 25. Tradução livre minha.

²⁷ Agradeço a Carlos Eduardo Henning pela interlocução, por suas indicações de leitura e por apresentar-me a alguns dos artigos citados nas reflexões aqui presentes sobre antropologia *queer* nos Estados Unidos.

²⁸ Weston, 1993, p.360.

No contexto do que vem sendo definido como antropologia *queer* (*queer anthropology*)²⁷ nos Estados Unidos, a preocupação em preservar os sentidos locais de categorias relativas a gênero e sexualidade em pesquisas etnográficas parece ser uma constante, tentando lidar com as limitações de políticas identitárias e de categorias analíticas (gay, lésbica, bissexual, etc.) tais como se fossem entes dados à princípio. Buscando analisar a produção etnográfica sobre gênero e sexualidade e sua relação com os estudos gays e lésbicos nos Estados Unidos no começo da década de noventa, Kath Weston²⁸ assinalava que muitos dos trabalhos neste campo buscavam relativizar material etnográfico ao mesmo tempo em que visavam desnaturalizar concepções anglo-americanas de gênero e sexualidade. São trabalhos que, tal como

aponta também Tom Boellstorff²⁹ em resenha abordando trabalhos mais recentes neste subcampo disciplinar na antropologia estadunidense, buscam desconstruir homossexualidade como uma categoria analítica, preocupados em distinguir e ressaltar a riqueza de manifestações e práticas sexuais, identitárias e de gênero locais que escapam de definições fixadas de identidade “homossexual”, tratando de não projetar a noção de *homossexualidade-como-identidade* (presente no contexto americano de onde provém muitos destes pesquisadores) de forma deliberada e irrefletida

²⁹ Boellstorff, 2007, p. 18 e 25.

³⁰ Dificuldade que persistia e que também foi apontada pelo antropólogo Tom Boellstorff quando o autor voltou a analisar a produção antropológica deste campo nos Estados Unidos na década de 2000, seguindo, dialogando e atualizando a revisão realizada por Kath Weston (1993) na década noventa. Conferir BOELLSTORFF, 2007.

em sociedades e contextos nos quais muitas vezes estas definições não existem ou então ganham significados muito distintos daqueles empregados nas “sociedades ocidentais”.

Ao mesmo tempo Weston ressalta a dificuldade³⁰ em distinguir e nomear certas práticas analisadas por antropólogos a partir de um enquadre que as classifique, desde o começo, como práticas “homossexuais”, tal como se déssemos à esta categoria status especial e a transformasse num “ente” que transcenderia contextos culturais específicos, isto é, tal como se fosse uma categoria com apelo e materialidade transcultural. Ainda assim a pergunta sobre como definir o que conta como gênero, homossexualidade e prática sexual em contextos etnográficos ficava ainda em aberto. A dificuldade de nomear e de até mesmo definir um objeto de estudo parece ser o paradoxo de uma abordagem antropológica que busca dialogar com os estudos *queer*, justamente pela deliberada indefinição subentendida em manifestações *queer*, tomadas como formas de resistência às interpelações que pedem por definições rígidas em termos de gênero e sexualidade e também, no caso deste sub-campo disciplinar antropológico, paradoxos também

permeados nos esforços de institucionalização de uma antropologia *queer*³¹ nos Estados Unidos.

Ainda assim uma das contribuições destes estudos se localizaria justamente na tentativa de etnograficamente questionar as relações entre gênero e sexualidade, tomando em conta contexto e significados, demonstrando suas sua co-constituição em contextos históricos e culturais específicos, e preocupando-se muito mais em dar conta no que estas categorias fazem e produzem – quando tomadas como categorias vividas em situações culturais específicas e em termos bastante pragmáticos – do que exclusivamente e necessariamente focar no que elas significam³². O *queer*, como categoria que desestabiliza as definições restritas de gênero e sexualidade, poderia significar, produzir e fazer proliferar outros modos de entender manifestações e práticas dissidentes no sul global (e também em outras partes do mundo que não exclusivamente Europa e Estados Unidos) que resistem às de imposições heteronormativas, fazendo surgir devires outros, que se relacionem às histórias e especificidades culturais, étnicas, nacionais e raciais locais, e que transcendem categorias nominais tais como gay, lésbica e até mesmo transgênero.

Muitos pesquisadores³³, principalmente no contexto acadêmico estadunidense, vêm ressaltando a ausência de debates mais consolidados em termos étnico-raciais, isto é, que partam de abordagens mais interseccionais, no interior de algumas vertentes dos estudos *queer*, desde seu surgimento e institucionalização em universidades norte-americanas. Nos últimos quinze anos estes estudiosos vêm construindo o que se denominou como a *queer of color critique* no interior dos estudos *queer* estadunidenses, ressaltando as diferentes

³¹ Processo que objetivamente vêm se concretizando, tal como expresso na modificação do nome da *Society of Lesbian and Gay Anthropologists*, uma das seções da *American Anthropological Association (AAA)*, que passa a ser nomeada recentemente como *Association for Queer Anthropology*. Este processo também é analisado por Margot Weiss em recente resenha, refletindo sobre epistemologias das/nas etnografias e antropologias *queers* em contextos acadêmicos anglo-americanos. Conferir WEISS, 2011.

³² Boellstorff, 2007, p. 27.

³³ Conferir os trabalhos de Manalansan Iv, 2003; Rodriguez, 2003; Muñoz, 1999; Gopinath, 2005; Ferguson, 2004; Puar, 2007.

maneiras pelas quais etnicidade, raça, classe e nacionalidade diversas vezes restam invisíveis em certos estudos gays e lésbicos mais *mainstream*. Numa abordagem claramente interdisciplinar, estes estudos *queer of color* têm em comum o fato de buscarem “desafiar a ‘homonormatividade’ de certas tendências de estudos *queer* Euro-Americanos, que se centram em subjetividades gay masculinas e brancas e que simultaneamente fixam os sujeitos *queer* racializados, não-brancos e/ou imigrantes, como insuficientemente politizados e ‘modernos’. O enquadre analítico destes trabalhos busca descentrar

a “braquitude” e os paradigmas Euro-Americanos ao teorizar sexualidades tanto em termos locais e também transnacionalmente (...), [buscando] desafiar certas noções etnocêntricas que advogam uma ‘identidade gay globalizada’ universal, comprometida com narrativas coloniais sobre desenvolvimento e progresso e que julga todas as ‘outras’ culturas sexuais, comunidades e práticas em contraste ao modelo Euro-Americano de identidade sexual.³⁴

A abordagem *queer of color* propõem que se trabalhe e considerem formas e configurações culturais que são produzidas por e através dos fluxos e demandas do capitalismo transnacional globalizado, mas que também apontam caminhos para criticar as lógicas capitalistas globais em si mesmas, ao contarem diferentes histórias de como trocas e impactos provocados em decorrência de um modo de produção mundial articulam formas de homosociabilidade, “subjetividade, culturas, afetos, parentesco e comunidades que nem sempre estão visíveis e que são pouco semelhantes à versão universalizada de ‘identidade gay’ delineada no interior de imaginários gays eurocêntricos”³⁶.

³⁴ GOPINATH, 2005, p. 11.

³⁵ Id. Ibidem p. 12.

³⁶ Id. Ibidem p. 12.

As narrativas *queer of color* sobre suas experiências e comunidades, tais como aquelas articuladas pelos grupos aqui abordados, se assemelham e se “referenciam a tropos e significantes similares às versões Euro-Americanas de homossexualidade, mas os investem com significações radicalmente diferentes e distintas”, e que reconsideram as “construções

colonialistas a respeito das sexualidades do ‘terceiro mundo’, tal como se fossem anteriores, pré-modernas, e necessitando do desenvolvimento político Ocidental”, construções estas que em diversas ocasiões também são replicadas e “que circulam em algumas tendências dos estudos gays, lésbicos e *queers* contemporâneos, assim como em certos tipos de políticas LGBTQ transnacionais”³⁷.

Construindo maneiras alternativas de conceituar o *queer* no norte global, estes autores nos levam a pensar sobre as possibilidades de refletir sobre a *queerness* em outros contextos nacionais que não somente aqueles das grandes metrópoles em países ditos ‘centrais’, nas lógicas de relações geopolíticas imperialistas. Fazem com que se ponderem também como certas tendências e organizações políticas LGBTQ estão entrelaçadas às dimensões dos diferentes homonacionalismos em cada contexto nacional, ao priorizarem subjetividades e populações comprometidas com ideários identitários gays e lésbicos marcados por uma ‘branquitude’ universalizante. Trabalhar numa perspectiva *queer of color* pressupõem que se reflita sobre diferentes economias desejanças, que escapam legibilidades legitimadas através de certos homonacionalismos³⁸, configurando narrativas oposicionais em relação às lógicas *mainstream* de visibilidade, reconhecimento e direitos. Simultaneamente se deve considerar o *queer* como modo de questionar a heterossexualidade compulsória como regime regulatório, principalmente quando se referem a debates sobre fluxos transnacionais entre coletivos LGBTQ.

Assim, pensar no *queer* - enquanto categoria analítica e conceito articulado por movimentos sociais - abririam também possibilidades de refletir sobre sua pertinência transcultural enquanto instrumento analítico, e nos modos pelos quais o *queer* é também um tipo de prática social que modula subjetividades em diferentes geolocalizações, isto é, trata de fazer-nos conscientes de que estes processos ocorrem não somente no norte global. Enquanto práticas, fato social e categoria ‘pós-identitária’, o *queer*

³⁷ Id. Ibidem p. 12.

³⁸ Conferir Puar, 2007.

ganha seus matizes e significados distintos dependendo do contexto social e das localizações geopolíticas nas quais se encontram os sujeitos e também os pesquisadores que refletem sobre estas questões.

Como teoria e prática de resistência articulada em contexto do norte global – especialmente aqueles situados nos debates de movimentos sociais realizados nos Estados Unidos e Europa – a *queernees*, corre o risco de transformar-se em mais um dos modelos analíticos etnocêntricos e não-transgressivos, caso não se considerem as genealogias locais que possibilitaram sua emergência em determinado contexto intelectual e quando são apropriados por movimentos políticos e sociais de forma leviana. Tal como aponta Marcia Ochoa³⁹, refletindo sobre os usos dos estudos *queer* na América Latina, seria necessário criar um espaço de debates que não tenha a homogeneidade destes estudos como um pressuposto e que tome processos de racialização e etnicidade à sério, em sua relação com questões de gênero e sexualidade.

Marcia Ochoa ressalta que muito mais do que se preocupar com certas contaminações ‘yanquis’ num contexto de debates sociais locais/nacionais, talvez “nós devêssemos ver a questão dos estudos *queer* na América Latina como uma oportunidade de perguntar: Quais estudos *queer*? A partir de quais genealogias de pensamento *queer* articulamos o conceito? Como podemos utilizá-lo como ferramenta e ao mesmo tempo questionar seus fundamentos?”⁴⁰ Tal como propõem Ochoa, trabalhar com as sexualidades *queer*, considerando simultaneamente processos de racialização transnacionais globalizados, incorporando as particularidades das categorias sexuais locais, requer que se pense nos aspectos multidimensionais do *queer* enquanto conceito; muito mais do que sua corporificação totalizadora tal como conceito ‘gringo’, é necessário trabalhar com o *queer* como categoria de alteridade sexual que pode potencializar possibilidades críticas no interior dos estudos sobre gênero e sexualidades, críticas e contribuições estas que não homogeneizam as discussões teóricas ditas ‘centrais’, que consideram

³⁹ Ochoa, 2011, p.253.

⁴⁰ Id. Ibidem, p.253-254.

o valor das produções intelectuais locais, e localizam certas geneologias e políticas na produção destas teorias no norte e no sul globais.

Tomando estes debates políticos e teóricos em conta, os usos do *queer* neste trabalho como ferramenta analítica, se assemelham àqueles empregados por Adi Kuntsman⁴¹, que considera o *queer* como parte de um conjunto de debates que acomodam uma variedade de práticas, subjetividades e identidades não-heterossexuais, que podem, mas não exclusivamente, serem alocadas e ‘encaixarem’ na sigla LGBT e nos rótulos e identidades ali vinculadas. O *queer* deve ser considerado aqui como ferramenta para pensar, mapear e retraçar variedades nos processos de (des) identificação sexuais e de gênero, “seguindo os modos como categorias relativas às sexualidades são configuradas e reconfiguradas através da história, movimento e localizações geopolíticas⁴²”

⁴¹ Kuntsman, 2009.

⁴² Id. Ibidem, p. 10.

Estas observações e maneiras de considerar o debate sobre os estudos *queer* no sul global servem tanto para refletirmos sobre a maneira pelas quais certas teorias são utilizadas no contexto sul-americano, mas funcionam também para pensarmos como determinados movimentos sociais se apropriam de teorias e debates estrangeiros ao refletirem sobre suas próprias experiências e práticas. O *Mujeres Al Borde* trabalha com o *queer* não por um capricho ou por moda, como se absorvesse um conceito estrangeiro e aplicando-o de maneira ‘postiça’ à sua realidade, mas sim por que a comunidade que elxs buscam organizar, naquelas que são as pessoas às quais suas iniciativas e treinamentos criativos são desenvolvidos e nos trabalhos de artistas com os quais entram em contato, também se apropriam do *queer* e à essa ideia dão seus próprios significados e materialidade, nos interstícios de suas próprias experiências e processos identitários.

Aqui o *queer* parece fazer sentido, em relações e significações que são locais, mas também relacionadas aos debates transacionais do ativismo LGBTQ feminista, ao mesmo tempo em que outras categorias locais (tais como lésbicas, *tortilleras*, bissexuais, transsexuais, travestis, pansexuais,

homossexuais, heterodissidentes, intesex, *queers*, anormais, hermonstrxs) também ganham expressão e materialidade, significados e convivem com termos ditos estrangeiros tornados, digamos assim, ‘locais’. A maneira como estes sujeitos remetem-se e significam seus processos identitários “trata de deixar as definições identitárias em aberto, brincando com a produtividade das indefinições neste terreno”, justamente por que, no contexto de análise do ativismo do *Mujeres Al Borde*, “nem sempre os sujeitos se definem de uma forma exclusiva e restrita às categorias LGBT, não tomando uma definição identitária que possa se ‘encaixar’ nas siglas”⁴³.

O fato de que o coletivo se aproprie do *queer* possibilita se refletir sobre conceitos/ categorias que ganham materialidade através das experiências de sujeitos e a partir de seus processos de subjetivação elaborados nas ‘margens’, sejam estas as margens daquelas sexualidades ditas ‘convencionais’ ou então nas margens em termos geopolíticos, em países do sul global, alheios aos contextos sociais de origem do *queer* enquanto categoria acusatória - insulto mesmo dirigido àquelas que de alguma maneira desviavam ou destoavam das performances e identidades de gênero normalizadas por binarismos heteronormativos no contexto Euro-Americano.

Ao pensarmos na circulação destas imagens e vídeos, seja no contexto de festivais de cinema tais como os do QWOCMAP ou mesmo por meio do *streaming* de vídeo no universo virtual, abrem-se espaços também para refletirmos sobre a maneira como termos e classificações sexuais e étnico/ raciais viajam e são também bastante influenciadas por jogos contextuais e por posicionalidades. A produção do *Mujeres Al Borde*, no contexto do festival de cinema norte-americano que o QWOCMA produz anualmente e no qual muitas vezes os filmes do coletivo colombiano foram exibidos, poderia ser entendida tal como produções de sujeitos *queer of color*, pois estas são algumas das maneiras pelas quais estes criadores são classificadxs no contexto de debates sociais dos movimentos feministas LGBTQ radicais estadunidenses. Mas poderíamos falar o mesmo no caso desta produção

⁴³ Id. Ibidem p.10.

exibida em contexto colombiano? Mesmo que sujeitos ali situados se afilem e até mesmo se insiram no espectro do que é considerado *queer* por eles próprios e por outros em seu próprio país, ainda assim, não se trata do mesmo tipo de compreensão sobre o *queer* que se têm nos Estados Unidos.

Ser *queer* na Colômbia é o mesmo que ser *queer* nos Estados Unidos? Sem pretensões de aqui responder esta pergunta, é interessante somente ressaltar a importância de fazê-las, pois faz proliferar mais indagações e abrem brechas para refletirmos, como dito antes, sobre como determinados criações artísticas, diferentes identidades e processos identitários ganham diferentes sentidos em diferentes conjunturas sociais - não somente por sua abertura semântica e complexidade inerentes, que possibilitam diferentes leituras de conteúdos ali tornados visíveis - mas tornam também visíveis distintas leituras a respeito das relações de gênero, raciais e étnicas que lá estão presentes e expressas de diversas maneiras. Mesmo que os sistemas de classificação racial existentes na Colômbia estejam permeados por suas próprias dinâmicas, as cineastas do *Mujeres Al Borde* são classificadas como *queers of color* no contexto do festival de cinema norte-americano que QWOCMAP organiza, revelando assim o caráter muitas vezes posicional das categorizações raciais através de fluxos transnacionais. Notam-se como certas categorias de pessoas podem ser “enquadradas” em definições raciais não necessariamente concebidas como as suas próprias maneiras de identificar-se em termos raciais, de gênero e de sexualidade, até mesmo porque alguém que poderia ser consideradx como pessoa ‘branca’ na Colômbia poderia muito bem a ser consideradx, dependendo do tom de sua pele, como ‘latinx’, isto é, como alguém *of color*, nos Estados Unidos.

Estas relações denotam nuances quando pensamos sobre diferentes sistemas e classificações raciais em jogo, principalmente quando este artistas deslocam-se através de fóruns políticos globalizados dissidentes⁴⁴, tais como o festival de cinema californiano e os congressos e encontros feministas latino-americanos anteriormente citados, ou mesmo no contexto de difusão de vídeos pela internet, configurando histórias que ganham seus diversos matizes e significados em cada contexto

⁴⁴ Sandoval, 2002, P. 21..

nacional onde são exibidos. Ser *queer* ou mesmo ser alguém *de cor*, não é o mesmo em todos os lugares. E esta parece ser uma das conclusões ao quais chega Tom Boellstorff⁴⁵ em sua etnografia sobre as categorias *gay* e *lesbi* na Indonésia, que distinguem-se de forma bastante definida daquilo que no ocidente é tomado como identidade gay e lésbica, observando os diferentes significados que as conceitos locais tomam ao se relacionarem à diferentes posições de sujeito, gênero e sexualidade, e sistemas culturais e raciais.

3. Feministas Contrassexuais⁴⁶ Construindo Transformação Social

Como se observa, estes são tipos de produção subjetiva, de cinema, de categorias, de processos identitários e também de ‘desidentificação’⁴⁷, que se baseiam tanto em teorias e influências ‘estrangeiras’, mas que também se

⁴⁵ Boellstorff, 2005. Conferir também Wekker, 2006.

⁴⁶ Em contextos referentes a títulos de documentos (livros, manifestos etc.), foi mantida a grafia anterior ao Novo Acordo Ortográfico brasileiro em vigor desde 2009 (Nota: Editoria da Revista Gênero na Amazônia).

⁴⁷ Conferir Muñoz, 1999.

⁴⁸ Conferir este interessante material, voltado à apresentação do coletivo e às discussões de seu ativismo feminista contrassexual na primeira edição da *Escuela Audiovisual Al Borde em 2011*, presente no seguinte endereço eletrônico: <http://bit.ly/UXWEPH>, acessado em julho de 2014.

⁴⁹ Preciado, 2002.

configuram em torno de materialidades, práxis artísticas e teorias locais, isto é, são situações em que prática e ação são indissociáveis de reflexão política e teórica, que adiciona e reinventa esta mesmas referências. Naquilo que chamam de *ciber-ativismo feminista e contra-sexual*, em um dos seus materiais pedagógicos e informativos⁴⁸ sobre a *Escuela Audiovisual Al Borde* - aqui influenciadxs certamente pelas ideias da teórica *queer* feminista Beatriz Preciado⁴⁹ em seu *Manifiesto contra-sexual* -, as iniciativas do coletivo colombiano visam desnaturalizar as dicotomias sexuais e de gênero, articulando seus filmes, teorias e práticas contrassexuais.

A contrassexualidade, naquilo que distigue Preciado, passa por desconstruir as tecnologias sociais que configuram as diferenciações sexuais binárias e heteronormativas, através de teorias e práticas que resignifiquem processos identitários e de desidentificação, resistindo

às normas de gênero e sexualidade que ditam denominações estanques para o que seja ‘masculino’ e ‘feminino’ em termos biológicos, mas não limita-se aí, pois também busca desconstruir as performances de gênero e as biopolíticas que sustentam-se em ideologias determinadas a partir de definições sexuais morfológicas estáticas⁵⁰ sobre o sexo e a sexualidade. Ao buscar processos de desidentificação⁵¹ com certas categorias sexuais naturalizadas, abrem-se brechas para desconstruir taticamente categorias de sujeito e as políticas identitárias que reafirmam, sem recuos estratégicos, identidades essencializadas, ao mesmo tempo em que se preservam como necessidade certas identificações estratégicas e táticas em termos políticos.

Numa dimensão teórica e prática que busca criar novos ambientes contrassexuais, que fazem parte das atividades do *Mujeres Al Borde* de forma contínua, são desenvolvidas também possibilidades para desconstruir fronteiras entre o público e o privado, contextos nos quais o pessoal é extremamente político, passando a ser também tópico de discussões públicas e artísticas. Tratando de considerar as mulheres nas margens⁵², Preciado nota como estes movimentos, que ela denomina ‘sexopolíticos’, fazem dos corpos e prazeres plataformas políticas de resistência ao controle e a normalização das sexualidades, ao produzirem representações alternativas, desenvolvidas mediante olhares divergentes. No desenvolvimento de um feminismo *queer* contrassexual e *of color*, que se utiliza de táticas criadoras lúdicas e reflexivas, o *Mujeres Al Borde* produz espaços de produção audiovisual e teatral como seu ambiente privilegiado de ação política. Tal como ressalta a autora espanhola, se destaca o papel inventivo destas práticas nos quais a

⁵⁰ Kuntsman, 2009.

⁵¹ Id. Ibidem, p. 10.

⁵² Preciado, 2007.

⁵³ Preciado, 2011, p.15.

sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se *queer*.⁵³

Brechas são abertas para releituras alternativas das performances de gênero e da própria política LGBTQ, enunciando posições de sujeitos e espaços de resistência, em oposição aos modelos universalizantes ‘brancos’ e ocidentais, ao se basearem em teorias e também, principalmente, em práticas artísticas contrassexuais, tal como se observa muitos dos vídeos e filmes produzidos pelo do *Mujeres Al Borde*, buscando maneiras de construir e potencializar processos de transformação social e de subjetivação nas quais as demandas e a visibilidade das populações que organizam são recriadas e resignificadas.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera*, San Francisco, Aunt Lute Books, 1987.

“ARTIVISMOS 2: historias de cuerpos transexuales”. Direção de Ana Lucia Ramírez. *Mujeres Al Borde Producciones*. Bogotá, Colômbia (Realizado em Santiago do Chile), 11 min., 2011. Disponível em: <http://vimeo.com/59845288>

BOELLSTORFF, Tom. *The gay archipelago: sexuality and nation in Indonesia*. Princeton, Princeton University Press, 2005.

BOELLSTORFF, Tom. “*Queer Studies in the House of Anthropology*”. *Annual Review of Anthropology*, 36:1-19, 2007.

FERREIRA, Glauco. *Margeando Artivismos Globalizados: Nas Bordas do Mujeres Al Borde*. (No Prelo).

FERGUSON, Roderick. *Aberrations in Black: Toward a Queer of Color Critique*. Minneapolis, University of

GOPINATH, Gayatri. *Impossible desires: queer diasporas and South Asian public cultures*. Durham, Duke University Press, 2005.

HOOKS, Bell. “*The Oppositional Gaze*”. In: *Black Looks: race and representation*. Boston: South End Press, 1992.

HOOKS, Bell. *Reel to Real: Race, Sex, and Class at the Movies*. New York, Routledge, 1996.

KUNTSMAN, Adi. *Figurations of violence and belonging: queerness, migrant hood and nationalism in cyberspace and beyond*. New York, Peter Lang, 2009.

LORDE, Audre. “Age, race, class and sex” in: *Sister Outsider: Essays and Speeches*, Berkeley: Crossing Press, 1984.

MALUF, Sônia. “*Brazilian feminisms: peripheral and global issues*”. *Feminist Review*, v. 1, p. e36-e51, 2011.

MANALANSAN IV, Martin. *Global divas: Filipino gay men in the diaspora*. Durham , Duke University Press, 2003.

MISKOLCI, Richard. “Um saber insurgente ao sul do Equador”. *Periódicus*, v. 1, p. 43-67, 2014.

MISKOLCI, Richard & SIMÕES, Julio Assis. “Sexualidades desparatadas”. *‘Quereres’, Cadernos Pagu*, Vol. 28, pp. 19-54, 2007.

MUÑOZ, José Esteban. *Disidentifications: Queers of Color and the Performance of Politics*. Minnesota, University of Minnesota Press, 1999.

OCHOA, Marcia. “*Diáspora Queer: mirada hemisférica y los estudios queer Latinoamericano*”. In: Balderston, Daniel & Castro, Arturo Matute. *Cartografias queer: sexualidades y activismo LGBT en América Latina*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Latinoamericana, 2011.

PELÚCIO, Larissa. “Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos *queer* no Brasil?”. *Periodicus*, v.1, p. 15-39, 2014.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. “*Queer nos Trópicos*”. In: *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia, v.2 n.2, 2012..

PRECIADO, Beatriz . “*Mujeres en los márgenes*”, El País, Madrid, 13 de Janeiro, 2007. Versão digital disponível em: <http://bit.ly/1s8JQAW> , acessado em julho de 2014.

PRECIADO, Beatriz. *Manifiesto contra-sexual*, Madrid, Opera Prima, 2002.

PRECIADO, Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2011, vol.19, n.1, pp. 11-20.

PUAR, Jasbir. *Terrorist Assemblages: Homonationalism in Queer Times*. Durham, Duke University Press, 2007.

RÍOS, Paola, ¿Ser o estar “queer” en Latinoamérica? El devenir emancipador en: Lemebel, Perlongher y Arenas. *Revista ÍCONOS* 39, pp. 111-12, 2011.

RODRIGUEZ, Juana Maria. *Queer Latinidad: Identity Practices, Discursive Spaces*. New York, New York University Press, 2003.

SANDOVAL, Chela & LATORRE, Guisela. “*Chicana/o Artivism: Judy Baca’s Digital Work with Youth of Color.*” *Learning Race and Ethnicity: Youth and Digital Media*. Edited by Anna Everett. The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning. Cambridge, The MIT Press, 2008

SANDOVAL, Chela. *Dissident Globalizations, Emancipatory Methods, Social-Erotics*. In: *Queer globalizations : citizenship and the afterlife of colonialism*. Edited by Arnaldo Cruz-Malavé and Martin F. Manalansan IV. New York : New York University Press, 2002.

SIMÕES, Júlio Assis e CARRARA, Sérgio. “O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens”. *Cad. Pagu*, n.42, pp. 75-98, 2014.

VITERI, María Amelia, SERRANO, José Fernando e VIDAL-ORTIZ, Salvador. “Cómo se piensa lo “queer” en América Latina?” *Íconos*. *Revista de Ciencias Sociales*. Num. 39, Quito, pp. 47-60, enero 2011.

WEISS, Margot. "The Epistemology of Ethnography: Method in Queer Anthropology". *GLQ*, 17.4, ps. 649-64, 2011.

WEKKER, Gloria. *The politics of passion: women's sexual culture in the Afro-Surinamese diaspora*. New York, Columbia University Press, 2006.

WESTON, Kath. "Me, Myself and P". In: *Theorizing intersectionality and sexuality*. edited by Yvette Taylor, Sally Hines and Mark E. Casey. New York, Palgrave Macmillan, 2011.

WESTON, Kath. *Lesbian/Gay Studies in the House of Anthropology*. Annual Review of Anthropology, Vol. 22, pp. 339-367. 1993.